



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELIENY VELOSO DE CARVALHO

A FEIRA LIVRE DE PICOS PIAUÍ

PICOS - PI

2013

ELIENY VELOSO DE CARVALHO

A FEIRA LIVRE DE PICOS PIAUÍ

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana.

PICOS - PI

2013

Eu, **Elieny Veloso de Carvalho**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C331f Carvalho, Elieny Veloso de.
A Feira livre de Picos Piauí / Elieny Veloso de Carvalho.
– 2013.
CD-ROM : il. ; 4 ¼ pol. (53p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof^º. Dr. Johny Santana.

1. Memória Histórica. 2. Feira Livre. 3. Identidade. I.
Título.

CDD 981.812 22

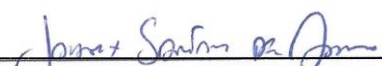
ELIENY VELOSO DE CARVALHO

A FEIRA LIVRE DE PICOS PIAUÍ

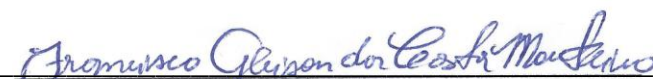
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. Orientador: Prof. Dr. Johny Santana.

Aprovada em 17 / 04 / 2013

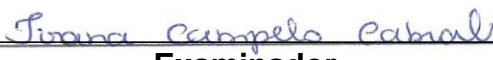
BANCA EXAMINADORA



Presidente da banca examinadora
Prof. Dr. Johny Santana de Araújo



Examinador
Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro



Examinador
Profa. Ivana Campelo Cabral

Ao meu Deus, por ter guiado meus passos;
Aos meus pais, que me deram a vida e me criaram com muito esforço e dignidade, me ensinando a ser o que sou hoje;
A Gilmar, esposo e companheiro de todos os momentos, por estar fazendo parte dessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir a conclusão desta pesquisa, pois sabemos que tudo que desejamos, só conseguimos com muito esforço, sacrifícios e sua permissão;

Aos meus pais por todos os ensinamentos;

Ao meu filho Lucas que com sua chegada tornou-se a razão da minha vida;

Aos meus irmãos e ao meu esposo, pelo apoio e incentivo dando-me toda à atenção;

Ao meu professor orientador Johny Santana, por ter aceitado o desafio com muita dedicação e profissionalismo. Muito obrigada professor pelos incentivos nas horas que pensei que não daria tempo.

Às minhas amigas, em especial Marciane e Ana Paula pela atenção e dedicação que sempre tiveram comigo, ao longo dessa jornada.

Aos meus professores por todos os ensinamentos, em especial ao professor Gleison Monteiro.

Aos vendedores e consumidores da feira livre de Picos Piauí;

A todos que contribuíram para esse momento, muito obrigada.

Os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem como querem... a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Karl Marx

RESUMO

Esse trabalho apresenta um estudo da feira-livre de Picos Piauí, que é um local de relações econômicas, sociais e culturais, o que acaba por fazer desses lugares espaços para a construção e criação de identidades e relações, que modificam a história, não só a curto prazo, mas marcam a história a ponto de se tornarem objetos de estudo. A partir do que foi destacado acima, elegemos a problemática de pesquisa, que constitui-se: como a feira livre contribuiu para a construção da identidade histórica da cidade de Picos Piauí? O objetivo geral da pesquisa foi analisar a importância da feira livre para a construção das identidades históricas da cidade de Picos Piauí a partir da década de 1950. Os objetivos específicos foram: Relacionar quais elementos que caracterizaram o processo de organização das feiras, observando as mudanças históricas ocorridas a partir da instalação delas; Identificar a importância dessas feiras para o desenvolvimento do comércio; fazer uma relação histórica entre a organização de feiras livres e construção de identidades; tratar de aspectos conceituais acerca dos conceitos de identidade. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo, através de uma entrevista com a utilização de um questionário e um gravador. Os sujeitos entrevistados foram 4 feirantes. 1 consumidor e o presidente dos feirantes.

PALAVRAS-CHAVE: Memória histórica. Feira livre. Identidade.

ABSTRACT

This paper presents a study of the fair-free, which is a place of economic, social and cultural rights, which ultimately make these places spaces for the construction and creation of identities and relationships that make changes to history, not only in the short term but mark the history to the point of becoming objects of study. From what has been outlined above, we elected to issue research, which is: how free the fair contributed to the construction of the historical identity of the city of Picos Piauí? The overall goal of the research was to analyze the importance of free fair for the construction of the identities of the historical city of Picos Piauí from the 1950s. Since the specific objectives were: Relate what elements that characterized the process of organizing fairs; Observe the historical changes that occurred since the installation of street fair in the city; Identify the importance of these fairs for trade development; Treat briefly about the historical concepts of free markets; make a historical relationship between the organization of fairs and identity construction; deal with conceptual issues about the concepts of identity. Therefore we conducted a field survey, through an interview with the use of a questionnaire and a recorder. The interviewees were 4 merchants. 1 consumer and the president of the fairground.

KEYWORDS: Historical memory. Fair free. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Feira de Picos Piauí na década de 1960.....	32
Figura 2 – Feira livre de Picos na década de 1960	33
Figura 3 – Praça Félix Pacheco na década de 1960	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos informantes	37
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FEIRA-LIVRE: ponto de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais ao longo dos séculos	15
1.1 O surgimento das feiras livres	15
2 ENTRECruZAR DE CULTURAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: o surgimento da feira livre no Brasil	23
2.1 A construção de Identidades múltiplas proporcionadas pelo espaço da feira	26
3 IMPORTÂNCIA DA FEIRA LIVRE DE PICOS PIAUÍ PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HISTÓRICAS: a história contada a partir dos sujeitos protagonistas	30
3.1 Arranjos espaciais, econômicos, históricos e culturais da cidade de Picos PiauÍ	30
3.2 Arranjo espacial e dinâmica da Feira-livre de Picos PiauÍ	31
3.3 A história contada pelos seus protagonistas: análise dos questionários aplicados aos feirantes	37
3.3.1 Perfil dos entrevistados	37
3.3.2 Importância da feira-livre de Picos PiauÍ na visão dos feirantes	38
3.3.3 Importância da feira-livre de Picos PiauÍ na visão do consumidor	41
3.3.4 Análise da entrevista feita com o presidente dos feirantes.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	48
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	49
APÊNDICE B – PERGUNTAS DA ENTREVISTA AOS CONSUMIDORES	51
APÊNDICE C – PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM OS REPRESENTANTES DO SEDECT	52

INTRODUÇÃO

Os diversos locais de uma cidade podem funcionar como espaço de relações econômicas, sociais e culturais, o que acaba por fazer desses lugares espaços para a construção e criação de identidades e relações, que modificam a história, não só a curto prazo, mas marcam a história a ponto de se tornarem objetos de estudo. Um desses locais é a feira livre, que será nosso foco de estudo nessa pesquisa.

A feira sempre foi considerada um espaço de encontros, principalmente de mercadores, frequentemente vindos de longe que durava muitas semanas, conforme observado em autores como Vargas (2001). Não diferente, em Picos Piauí a feira livre tem se constituído um espaço de interação e construção identitária, que contribuiu para o crescimento da cidade, que tem tido destaque em seu setor econômico, favorecido pela sua localização rodoviária, ou seja, a referida cidade constitui-se o segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste, abrigando uma das maiores feiras livres do país.

Picos é cortada pela BR-316 (Transamazônica), BR-230 e fica próxima a BR-020 e BR-407. O mercado consumidor de seu potencial econômico é em grande escala devido à proximidade com centros consumidores de toda microrregião. Além de servir como ponto de comércio e mercadoria nessas regiões importantes do nordeste, como Petrolina-PE, Teresina-PI e o Cariri cearense (DUARTE, 2000).

O processo de formação e desenvolvimento das feiras livres nas cidades piauienses tem relevância significativa para o progresso econômico do Estado. Problematizaremos o processo de desenvolvimento das feiras livres em Picos, de 1950 até os dias atuais, pois desde a década de 50, essa é uma das maiores feiras do Sertão Nordestino.

Segundo Duarte (1975, p. 70):

Além de ser a ocasião de socialização e de integração entre as pessoas do mato e as da rua, é através da feira que os agricultores de subsistência vendem as parcelas do seu pequeno excedente agrícola e adquirem as poucas mercadorias que completam os seus precários padrões de sobrevivência.

De acordo com a citação, as feiras têm importância não só para a economia, mas também é uma forma de sociabilidade e integração entre as pessoas umas com as outras.

A partir do que foi destacado acima, elegemos a problemática de pesquisa, que constitui-se: como a feira livre contribuiu para a construção das identidades históricas da cidade de Picos Piauí?

Entendemos que, apesar da feira citada ser uma das maiores do Estado do Piauí e uma das maiores do Nordeste, poucas pesquisas têm sido realizadas com o tema, daí a necessidade de que este estudo se realize no local, tendo em vista que muitos aspectos ainda precisam de esclarecimentos no que concerne a história dessa feira.

Pesquisar temas como este, traz contribuições para que haja uma reconstrução dos sujeitos sociais que atuam nessa área, valorizando assim o trabalho humano, os produtos comercializados, as ações praticadas nesse processo e os vínculos formados entre os protagonistas desse cenário.

Procedemos com uma entrevista oral com os sujeitos históricos que participaram da sua formação, e através desses relatos, enfatizamos o papel e sua contribuição para o desenvolvimento econômico da cidade, pontuando as transformações que ocorreram, bem como as relações de comportamentos e de situações que ali se desenrolaram. Demos ênfase a partir da data de 1950 porque foi nesse período em que houve um maior desenvolvimento da feira livre em Picos, devido à comercialização de novos produtos, o que acarretou no aumento do espaço destinado à feira como também aumentou a circulação de dinheiro.

A bibliografia sobre as feiras piauienses, no que se refere às cidades interioranas, ainda é limitada se comparada às de outros Estados, pois a maior parte dos textos que se refere ao assunto faz referência às feiras maiores, como de Santana e Caruaru, assim, problematizaremos a produção historiográfica das feiras livres de uma cidade ainda em desenvolvimento que merecem serem mais estudadas, analisando sua formação, os problemas enfrentados e sua contribuição para o desenvolvimento do comércio.

Conforme observado em Delgado (2002, p. 11), em um periódico da CEPRO, diz que:

A feira é uma atividade comercial definitiva e com certa força. Ela se instala e se concentra no centro das cidades, conjuga-se ao comércio formal, expandindo-se ao ponto de alterar o cenário urbanístico central da cidade.

Este trabalho não pretendeu esgotar o tema, mas fazer uma junção de análise de textos que tratam de feira livre, já que existe uma carência muito grande de trabalhos historiográficos em torno desse contexto histórico, fazendo dela uma novidade para a historiografia Picoense e, portanto, de relevância para a academia, pois esta pesquisa é o pontapé para futuras pesquisas, já que esta pesquisadora pretende seguir em frente com o trabalho, levando-o para o âmbito *stricto sensu*, ou seja, desenvolvendo o estudo em um mestrado, de maneira que contribua para a área da história na cidade de Picos Piauí.

Mesmo com todas as dificuldades que encontramos ao longo desse trabalho, entendemos que a execução da proposta do presente projeto é viável na medida em que tenho várias leituras e familiaridade com a temática. Além disso, a realização da pesquisa possibilitou iluminar as diversas ações, representações, comportamentos e táticas de diversos sujeitos que fizeram e ainda fazem parte da história da cidade de Picos, e proporcionou também a ampliação da produção historiográfica piauiense.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a importância da feira livre para a construção das identidades históricas da cidade de Picos Piauí a partir da década de 1950.

Já os objetivos específicos foram: Relacionar quais elementos que caracterizaram o processo de organização das feiras; Observar as mudanças históricas ocorridas a partir da instalação da feira livre na cidade; Identificar a importância dessas feiras para o desenvolvimento do comércio; Tratar brevemente de conceitos históricos acerca das feiras livres; fazer uma relação histórica entre a organização de feiras livres e construção de identidades; tratar de aspectos conceituais acerca dos conceitos de identidade.

Enfim, a partir de uma pesquisa de campo, com a coleta de narrativas orais, construímos uma descrição histórica do processo de implantação da feira livre na cidade de Picos Piauí, levando em consideração, principalmente, a visão dos próprios sujeitos construtores desse processo, os feirantes que se instalaram a partir de 1950 na cidade. Ressalta-se ainda que durante o trabalho foram utilizadas fotos que servem apenas como ilustrações do tema em alusão.

Para melhor compreensão do trabalho ora apresentado, ele está dividido em três capítulos. O primeiro aborda o histórico da feira-livre no mundo, trazendo à tona a discussão de que os mercados e as feiras são espaços de comércio tradicional

que têm ultrapassado a história ao longo dos séculos, percebidas como importantes pontos de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais.

Já no segundo capítulo, delimitamos a história da feira livre no Brasil, quando ela surgiu e quais as mudanças econômicas, sociais e culturais que ela trouxe para a população de um modo geral. Como propomos estudar acerca da construção de identidades propiciada pela feira ao longo dos anos na cidade de Picos, nesse capítulo tratamos de alguns conceitos de identidade, ressaltando o de Hall (2005), escolhido para o estudo por ser o que mais se aproxima da nossa realidade.

No terceiro capítulo os resultados dos dados são discutidos, fazendo-se o apontamento e tabulação das entrevistas realizadas com feirantes e usuários do espaço. Neste espaço é ressaltada a importância da feira para a cidade. Por fim, são feitas as considerações finais e apresentadas as referências utilizadas no trabalho.

1 FEIRA-LIVRE: ponto de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais ao longo dos séculos

A feira livre aparece na história ao mesmo tempo em que o homem surge como um ser sociável, pois é neste espaço em que se faz compras, trocas, e mescla de culturas. Apesar de a feira ser atrelada somente ao aspecto comercial, ela tem muito a contribuir para a cultura de um povo. Mesmo sendo ela uma prática tão antiga, atualmente tem enfrentado riscos devido ao cenário econômico voraz, com alta competição no comércio, e à supervisão do poder público, que progressivamente tira suas características fundamentais.

1.1 O surgimento das feiras livres

Os mercados e as feiras são espaços de comércio tradicional que têm ultrapassado a história ao longo séculos, percebidas como importantes pontos de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais. É um espaço que abre possibilidades de investigação interdisciplinar, possibilitando aos pesquisadores das diversas áreas do conhecimento uma busca de respostas que unam, ao mesmo tempo, questões ligadas à antropologia, economia, geografia, psicologia social, história e sociologia entre outras (MOTT, 2000, p. 14). No caso dessa pesquisa, o viés escolhido será o histórico e cultural.

Como não há um conceito fixo do que seja a feira livre, optamos por percebê-la como um local de troca, compra e venda de mercadorias, além de um espaço histórico-cultural que abriga pessoas de todas as classes sociais e possui uma grande importância para todas as cidades nas quais as mesmas estão inseridas.

Quanto à história, existem diversos estudos acerca do surgimento da feira livre no mundo, no entanto, nenhum afirma com precisão qual a data exata. No entanto, o que todos concordam é que esta é uma prática muito antiga, que vem sendo passada de geração em geração. Um dessas pesquisas é a de Paim (2005), que aborda que as feiras existem como centros de trocas, há centenas de milhares de anos sendo recorrentes e presentes em todas as culturas do mundo. A autora cita a grande importância desse tipo de comércio para as populações:

Sejam elas fixas ou permanentes, em terra firme ou flutuantes, se constituíam não só em territórios especializados no abastecimento de gêneros essenciais à vida, mas possibilitavam o encontro regular de produtores e consumidores de mercadorias, se convertendo em fervilhantes centros de troca de experiências e vivências humanas (PAIM, 2005, p. 20).

Conforme observado na citação da autora, a importância da feira livre vai além da economia, ou seja, além da subsistência que elas geram, as feiras contribuem para a formação cultural e social de todas as sociedades, já que estes podem ser considerados espaços de trocas de experiências e vivências humanas.

Azevedo (*apud* PAIM, 2005), tratando da história das feiras-livres, diz que na Europa medieval as feiras eram itinerantes, e aconteciam em tempos pré-fixados. Não muito diferente do que acontece hoje. No caso de Picos Piauí, como será visto no terceiro capítulo desse trabalho, há uma feira que está fixa no mesmo local há muitos anos e uma que acontece apenas aos sábados, que é a que atrai mais pessoas de fora.

Lima e Câmara (2008) abordam que as feiras livres se oficializaram na Idade Média, no entanto também não dão a data precisa. Os autores ressaltam que essas feiras eram controladas pelo Estado, que atuava como disciplinador, mas só ganharam importância entre as classes mais populares a partir da revolução comercial no século XI, em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos, inclusive utilizando-a como meio de sobrevivência.

Quanto à forma como essas feiras foram chegando às cidades, pode-se afirmar, com base em Paim (2005), que muitas foram lentamente se fixando em torno das cidades a partir das ações de negociantes e das próprias cidades interessadas em ter à mão, e de forma permanente, as mercadorias de que necessitavam. A autora afirma que hoje é menos comum as feiras sazonais e itinerantes, pois estas só ocorrem nos centros de abastecimento fixos e permanentes.

Azevedo (*apud* PAIM, 2005, p. 21) aborda que, no medievo europeu, não raro, havia empecilhos ao exercício desta atividade comercial, e foi preciso lançar mão de mecanismos para garantir sua realização: o salvo-conduto e os guardas-de-feiras. O primeiro assegurava o livre trânsito em qualquer cidade, sem nenhum pagamento de tributos; enquanto que os guardas-de-feiras proporcionavam

segurança e tranquilidade aos partícipes e, posteriormente, foram convertidos em avalistas das transações comerciais.

Guimarães (2010), em seu trabalho sobre a feira livre enquanto cultura popular, aborda que as primeiras referências às feiras estão ligadas ao comércio e às festividades religiosas, já relatadas no Antigo Testamento da Bíblia. A etimologia da palavra, que em latim é *feria*, deu origem à palavra portuguesa feira, que significa dia santo, feriado. Portanto, conforme a autora, podemos associar as feiras ao aspecto cultural por ser elas um espaço de encontros, onde se realizam as mais diversas atividades culturais e religiosas. Segundo a autora citada,

Realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, dois fatores curiosos é que durante elas interrompiam-se guerras e a paz era garantida para que os vendedores pudessem trabalhar. Também aconteciam algumas vezes ao ano, e quase todas elas eram realizadas em épocas relacionadas com festas de Igreja. Outro ponto é que desde essa época, a celebração já estava presente nas feiras. Durante as compras, dezenas de saltimbancos, fazendo malabarismos, procuravam divertir o povo que se movia de barraca em barraca (GUIMARÃES, 2010, p. 6).

Conforme se observa na colocação da autora, a feira livre carrega um teor cultural e religioso talvez até mais forte que o comercial, não obstante que, conforme apresenta no trecho, guerras eram cessadas para que as pessoas pudessem transitar livremente vendendo seus produtos. Também são citadas as apresentações artísticas, além da carga religiosa que possui, já que elas ocorriam sempre que a igreja católica fazia suas comemorações.

Esses eventos têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Quando os camponeses não conseguiam vender nos mercados a produção excedente, trocavam por outros produtos nas ruas a um preço mais baixo. Com isso, as trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e incentivaram a criação de uma estrutura bancária.

Ribeiro, ao observar as feiras da região portuguesa de Barcelos, e as funções comerciais e sociais das mesmas, explica suas funções, abordando principalmente sua contribuição no povoamento de pequenas cidades:

[...] destinadas ao exercício do comércio interno e determinadas, segundo as exigências do meio geográfico [...], progressivamente, ao mesmo tempo em que se alargaram o seu âmbito comercial, as feiras e os mercados contribuem, de forma notável, para o desenvolvimento e proteção de agricultores e do povoamento de certa regiões (RIBEIRO, 1964, p. 9-10).

Conforme percebido, foi por conta de pessoas procurarem os locais para combinar arrendamentos de propriedade e outros ajustes ligados às atividades agrícolas e pastoris, que as feiras acabavam criando espaços urbanos onde estivessem estabelecidas. Para esses locais ainda também afluíam pequenos negociantes em busca de mercadorias das suas especialidades, capitalistas, agiotas, amoladores, barbeiros, ambulantes, fotógrafos, vendedores de ervas, vendedores de banha de cobra, dentre outras drogas milagrosas; jogadores e apostadores; ainda os cantadores, leitores ou vendedores de romances e folhinhas. Enfim, pessoas de todos os tipos.

Conforme Maior (1978), a formação de excedentes de produção dos produtores pode ter sido a grande eclosão que originou as feiras livres, por fazer surgir a necessidade de intercâmbio de mercadorias, em lugares que não fossem fixos. Acerca disso, Sousa (2013, p. 01) diz que:

A existência das feiras foi uma solicitação natural de um ambiente que congregasse todos os produtos que se estivessem disponíveis para outrem; e, neste contexto, seria importante que se trocassem seus excessos em busca de outros produtos que não se houve condições de produzir. Com isto, verifica-se a importância das feiras para os tempos modernos.

Conforme o autor citado, o surgimento das feiras foi se dando de maneira natural, sem que houvesse um planejamento prévio, ou seja, foi se criando um espaço em que era possível congrega todos os tipos de produtos e que estivessem acessíveis para todas as pessoas. No caso de produtos que estivessem em excesso, o local serviria como espaço para trocas, sendo que nenhum produtor ou comerciante ficaria no prejuízo, já que poderia fazer a permuta de seus produtos, trocando-os por outros que julgasse mais necessário.

Sousa (2013) também concorda com os já citados autores que a origem das Feiras livres está atrelada à idade média, ou seja, período em que foi feita a oficialização das mesmas. Mas destaca que, apesar de seu surgimento concreto ser nesse período, na época faraós ou no período escravagista, já se podia notar sua

presença, apesar de haver uma produção para autoconsumo. Sobre isso, o autor coloca:

O sistema de trabalho da comunidade dos faraós era estritamente voltado para produzir; e, em seguida consumir, porque os faraós não tinham interesse em produzir para revenda; mas, a manutenção dos escravos que deveriam produzir os bens de luxo para aqueles que detêm o poder. Este período de autoconsumo, também aconteceu na fase feudalista, pelo tipo de manutenção que era comum para as pessoas que viviam nos feudos, que exerciam uma espécie de escravismo (SOUSA, 2013 , p. 01).

Outro autor que afirma que as feiras livres foram consolidadas na idade média é Maior (1978, p. 30), que ressalta que “as influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna”, tendo em vista que o contato comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização europeia no século XVI.

A abertura para o Oriente fez com que os grandes comércios surgissem nas cidades de Veneza, Gênova e Pisa. Isso aumentou a concorrência entre os vendedores da época das grandes aventuras em busca de compra e vendas de produtos supérfluos e necessários, em todos os locais. Com a missão dos mercadores da Idade Média, estimulou-se a transação de compra e venda, e por extensão, a formação das feiras, envolvendo drogas, musselinas, sedas, especiarias e tapetes, expostos em feiras livres. Nesta estrutura comercial, determinam-se os preços pelas forças competitivas do mercado, surgindo lentamente a concorrência entre os comerciantes medievais (SOUSA, 2013).

Na Bíblia também há menção das feiras livres. No livro de Marcos existem muitas menções a essa prática. Os comerciantes do início da era cristã buscavam negociar seus excedentes e conseguir os produtos que lhes faltavam. Inclusive, buscaram na igreja, por ser um lugar de maior fluxo, o espaço para realizar seu comércio. Como consequência disso, foram reprimidos por Jesus, que proibiu o comércio dentro de locais como esse. Conforme Sousa (2013, p. 01):

Lá era negociado todo tipo de produto que a população necessitava, foi quando apareceu Jesus Cristo, e expulsou-os bravamente, porque ali era casa de orações e não feiras livres, causando as maiores

badernas em frente da casa do Senhor. Além do evento comercial, obviamente, aconteciam outros fatos obscenos que não eram do agrado do líder dos cristãos.

Como a feira era um local em que passavam muitas pessoas, de todos os níveis, culturas e religiões, acabou por haver uma briga entre líderes religiosos e feirantes, por que, conforme visto na citação, esses espaços estavam se transformando em locais de badernas e práticas que esses cristãos consideravam pecaminosas.

Huberman (1959, p. 30) faz referência a uma das mais importantes feiras, com a seguinte conclamação de 1349, sobre as feiras de Champagne:

[...] todas as companhias de mercadores e também os mercadores individuais, lianos, ansalpinos, florentinos, milaneses, luqueses, genoveses, venesianos, alemães, provençais e os de outros países, que não pertencem ao nosso reino, se desejarem comerciar aqui e desfrutar os privilégios e os impostos vantajosos das mencionadas feiras... podem vir sem perigo, residir e partir - eles, sua mercadoria, e seus guias, com o salvo-conduto das feiras, sob o qual os conservamos e recebemos, de hoje em diante, juntamente com sua mercadoria e produtos, sem que estejam jamais sujeitos a apreensão, prisão ou obstáculos, por outros que não os guardas das feiras.

A partir do que coloca o autor, citando um líder da época, os feirantes poderiam vir de todos os locais, sem correr o risco de ter suas mercadorias apreendidas, bem como a isenção de impostos, o que facilitaria o comércio e o crescimento local.

Na composição deste espaço de heterogeneidade, Ribeiro (1964), aponta a presença dos mercadores e ouvidores, que disseminavam notícias pelas diferentes terras que frequentavam relativas às cotações de preços de outras regiões. Todas essas narrativas iam contribuindo para a formação histórica das sociedades.

Peixoto (*apud* PAIM, 2005) destaca o caráter religioso das feiras, pois a persistência cristã em Portugal, enfatizando que o domingo ou dia do Senhor era o dia em que acontecia a primeira feira, seguindo à segunda até a sexta-feira, sendo que o sábado era considerado dia de descanso. Isso aponta a combinação da mitologia babilônica, com o judaísmo e o cristianismo de Portugal que se prolongou ao Brasil, conservando os mesmos nomes.

Nos tempos modernos, as feiras têm diversificado ao máximo possível o seu lastro de comércio, possuindo desde produtos sofisticados até mínimas coisas que a classe mais pobre precisa. As feiras constituem realmente o princípio fundamental que define mercado e como já se viu anteriormente, serem diferentes, contudo, hoje se confundem. Numa abordagem econômica, as feiras constituem um ponto de encontro entre compradores e vendedores para trocarem seus produtos, se bem que hoje em dia, dadas as concentrações oligopolísticas e cartelizações, as feiras que hoje coincidem com os mercados, passam a ser apenas um contexto, por causa dos meios de comunicação.

Também, atualmente, as feiras não são mais percebidas de maneira tradicionais ou até mesmo ingênuas. Pelo contrário, são realizadas as grandes bienais, que constituem as feiras mais sofisticadas ou uma maneira de preservar os primeiros modos de formação dos preços.

Ao mesmo tempo, existem também as exposições de animais, muito comuns no mundo inteiro, que buscam claramente, os grandes comércios de animais e produtos agrícolas situados particularmente, nos interiores dos Estados brasileiros. No Nordeste, por exemplo, são famosas as feiras de gado de Feira de Santana, a feira de Caruaru, cantada em prosa e versos, as feiras de gado da Paraíba que originaram muitas cidades do interior nordestino, especificamente (SOUSA, 2013), o que será visto no próximo capítulo, que trata da feira livre no Brasil e mais especificamente no Nordeste do país.

A partir do que foi visto, podemos dizer que as feiras contribuíram para o desenvolvimento e a formação dos mercados, quer seja, oligopolístico ou mesmo monopolístico. Assim, é que se ver o desaparecimento das tradicionais feiras que determinam preços ingenuamente, entre compradores e vendedores. A falência das feiras é devido ao que previu Marx, já no século XVIII, o poder de concentração e centralização da economia industrial, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Portanto, o movimento voluntário entre compradores e vendedores é a melhor forma do mercado atender a todos, sem prejuízo de alguém; mas, com ganhos para todos os agentes participativos da economia (SOUSA, 2013, p. 01).

Enfim, as feiras são instituições que fazem parte de um sistema econômico, mas estritamente ligadas ao sistema político, de parentesco e cultural, que integram as bases de produção, distribuição e consumo de bens e mercadorias. Interessante observar que o termo feira, em Portugal, designa uma grande reunião comercial

regional, realizada, via de regra, com grandes intervalos de tempo; enquanto, mercado designa local destinado a abastecimento local mais amiúde. Mas, estes conceitos não se aplicam em sua totalidade à realidade brasileira, pois aqui entende-se por feiras-livres, pequenas ou grandes reuniões comerciais, realizadas ao ar livre, que negocie frutas, verduras, cereais etc., o que serve para caracterizar a feira-livre da cidade de Picos Piauí.

2 ENTRECruZAR DE CULTURAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: o surgimento da feira livre no Brasil

No Brasil, as pesquisas sobre feiras livres ainda não são tão produtivas, dado o fato de essas serem mais percebidas nas cidades da região Nordeste do País. Quanto à história das mesmas, percebe-se que a origem das feiras livres no Brasil mistura-se com a história de colonização. Desde o período do Brasil Colônia, elas expandiram-se, exercendo importante papel, no abastecimento dos primeiros assentamentos humanos, como fundamental elemento que estrutura da própria organização social e econômica das populações.

Mesmo hoje, com a sociedade informatizada e a economia globalizada, a comercialização nas feiras persiste como uma característica sociocultural que identifica regiões e realidades muito obstantes. Acredita-se que a principal causa que deu origem às feiras livres foi a formação excedente de produção dos produtos.

A existência da maior parte das feiras foi se dando de maneira natural de um ambiente que precisou de todos os produtos que estivessem disponíveis para outrem, e com havia sobras de alimentos em alguns grupos, contra as faltas de produtos outros, houve então a necessidade de intercâmbio de mercadoria. Essa busca por produtos que não se teve condições de produzir implica-se na importância das feiras nos tempos modernos. No entanto, nem todas as feiras surgiram do excedente dos produtos, existem algumas que foram planejadas.

Quanto ao surgimento das feiras livres no Brasil, há registros de que o costume veio com os portugueses, sendo percebidas desde a época colonial. Acerca desse aspecto, Guimarães (2010) informa que existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre. Cita ainda que vendedoras negras negociavam produtos da lavoura, da pesca e mercadorias feitas em casa. Ao mesmo tempo, uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV, no Rio de Janeiro. Até que em 1711, o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, oficializou a feira livre como um espaço para compra, venda e troca de produtos (GUIMARÃES, 2010).

No entanto, no início, a feira livre possuía diversos problemas. Dentre eles, encontrava-se a questão da desorganização e a falta de higiene. Por conta disso, inspirado em modelos europeus, em 1904 o prefeito do Rio, Pereira Passos,

autorizou o funcionamento das feiras nos fins de semana e feriados. Doze anos depois, com os problemas de abastecimento causados pela I Guerra Mundial, outro prefeito, Azevedo Sodré, autorizou e estimulou as feiras também durante a semana (GUIMARÃES, 2013).

No Estado de São Paulo a feira livre foi criada em 1914, por meio do ato do Prefeito Washington Luiz P. de Souza, não como projeto novo, mas sim como o reconhecimento oficial de algo que já existia tradicionalmente na cidade desde meados do século XVII.

Atualmente, as feiras livres têm diversificado ao máximo possível seu lastro comercial, cultural e histórico, possuindo variação nas mercadorias indo dos mais sofisticados até mínimas coisas que uma sociedade precisa.

A região Nordeste do país concentra uma grande parte das feiras livres brasileiras, cada uma com sua particularidade, sendo também considerado ponto turístico do local, onde se situa caso das feiras de Paulo Afonso-Ba, Caruaru-PE e Fortaleza-CE. No lugar de ar condicionado e refrigeradores de última geração, bancas de madeiras cobertas com lonas montadas no meio da rua, praças ou avenidas diariamente, são características desse setor comercial, onde quase sempre mantém uma clientela fiel.

A seguir destacamos algumas peculiaridades de feiras livres encontradas por todo o país e que são referências para outros países.

Em pesquisa sobre o tema, Queiroz e Azevedo (2012) tratam de aspectos das feiras na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (RN). Segundo os dois autores, as feiras apresentam-se importantes na dinâmica socioespacial urbana, apesar da expansão dos agentes econômicos modernos, como indústrias, firmas de construção civil, shopping centers, hipermercados, supermercados, lojas de departamentos, serviços de alta complexidade, bancos e financeiras.

Os autores também citam que existem em Natal 23 feiras livres, ocorrendo em diferentes dias da semana, e distribuídas espacialmente de forma desigual pelas regiões administrativas do município: 10 na Zona Norte, 7 na Zona Oeste, 4 na Zona Leste, e 2 na Zona Sul. Destas, 22 feiras são administradas pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SEMSUR). Apenas a feira agroecológica conta com uma autogestão, ou seja, é gerida pelos próprios membros da feira, a partir de alguns princípios da economia solidária.

Queiroz e Azevedo (2012) dividem as feiras em dois grande grupos. Segundo eles, as nove maiores feiras livres da cidade são as âncoras, devido ao tamanho (número de feirantes e de bancas) e maior intensidade de fluxos de pessoas e mercadorias, tendo uma maior importância para a circulação e dinâmica socioeconômica da capital potiguar. As demais feiras livres serão denominadas de feiras satélites, pois são de médio e pequeno porte, e funcionam apenas como complementos das feiras âncoras.

As feiras âncoras são as do Alecrim, Carrasco, Cidade da Esperança, Nova Natal, Rocas, Igapó, Parque dos Coqueiros, Santa Catarina, e Panorama. As feiras satélites são as feiras de Lagos Seca, Aliança ou Boa Sorte ou Vale Dourado, Planalto, Quintas, Felipe Camarão, Cidade Praia, Mãe Luiza, Gramoré, Pajuçara, Pirango, Km 06, Nova República, Agroecológica, e Jambo.

Interessante ressaltar que os imigrantes da cidade de Natal têm um importante papel na constituição das feiras livres, pois, por conta da vida deles para Natal, acabam por ocasionar mudanças históricas e estruturais, não sendo um ato exclusivamente de interesse pessoal. Esses comerciantes são oriundos do processo de modernização ou falência das economias tradicionais do interior do estado, bem como do interior da Paraíba, que buscam melhores condições de vida na capital que expandia os empregos nos setores secundário e terciário. Como consequência, Queiroz e Azevedo (2012) dizem que esses imigrantes tornaram-se um exército industrial de reserva, uma massa de marginalizados e excluídos, que encontraram no circuito inferior a única forma de sustento.

Lima e Câmara (2013), em pesquisa também sobre as feiras de Rio Grande do Norte, especificamente a de Paramirim, diz que no seu início ela funcionava no centro a cidade, ao lado do antigo mercado municipal. Com o crescimento urbano, houve a necessidade de deslocar a feira para uma área maior e atualmente funciona no Bairro de Santos Reis, periodicamente aos sábados, ocupando as Ruas Cruzeiro do Sul, Aspirante Santos e Dorothy de Moura Lima. A Feira Livre de Parnamirim/RN abrange uma área de aproximadamente 7.174,50 m² e popularmente é conhecida como Feira de Parnamirim ou Feira de Santos Reis, e segundo a autoras não há uma denominação específica.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Serviços urbanos (SEMSUR apud LIMA e CÂMARA, 2013) o número total de comerciantes da Feira é de 953, sendo estes divididos em 747 bancas, 117 ambulantes e 89

cigarreiras, bares e comércios fixos. A Prefeitura não realiza nenhum tipo de cadastro desses comerciantes, os mesmos não pagam impostos e não dispõem de serviços de abastecimento de água e energia elétrica. A Feira é realizada continuamente, sendo classificada em permanente, seus setores de venda estão distribuídos em hortifrutigranjeiros, açougue, cereais, vestuário, utensílios domésticos, comércio informal e bares.

Moraes (2011), em trabalho sobre o mercado de Marituba, que fica no estado do Pará, diz que o mesmo está localizado no bairro centro do município. É um local onde estão os mais diversos feirantes e comerciantes em um só espaço na cidade; oferece uma diversidade de produtos que vão desde a venda de alimentos à roupas e calçados. Encontram-se ali um mosaico de diferentes tipos de comercializações em seu espaço.

Segundo a autora, o referido mercado possui duas grandes estruturas; a primeira é uma construção feita de alvenaria composta por 190 (cento e noventa) boxes. Os boxes que compõem esta primeira estrutura abrigam mercadinhos³, restaurantes, lojas, relojarias, bares, uma papelaria, uma casa lotérica e um estúdio fotográfico⁴. Há também boxes que vendem fruta, verdura, frango, peixe, carne, dentre outros produtos. Na parte de atrás do mercado há, ainda, tanques que servem para a venda de caranguejo e camarão.

Na segunda estrutura do mercado chamada de “Feira Coberta” tem a forma de um grande galpão coberto com brasilite, sem paredes ao seu redor e possui 94 (noventa e quatro) boxes. Os boxes desta segunda estrutura na parte de baixo são de alvenaria, enquanto na parte de cima são feitos de grade; há de se destacar que este modelo de boxe é o formato original desta segunda estrutura, todavia, há boxes em que os próprios feirantes mandaram construir a parte de cima, também de alvenaria, transformando o modelo original dos boxes (MORAES, 2011).

2.1 A construção de Identidades múltiplas proporcionadas pelo espaço da feira

Por todas as suas características, a feira pode ser percebida como um espaço, de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas, diariamente, por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades. São esses sujeitos que

realizam a feira e, além de construir, reconstruem e tecem novos desenrolares para a sua história a todo instante. Charlot (2005, p. 40, apud LIMA E CÂMARA, 2013, p. 03) caracteriza esses saberes como capital cultural, abordando que:

[...] não se pode contar apenas com uma análise da sociedade em termos de posições sociais, é preciso analisar também as atividades que os indivíduos desenvolvem nela para conquistar, para manter, para transmitir essas posições e é preciso considerar também outras perspectivas do que simplesmente a de sua posição social. É preciso levar em consideração o sujeito na singularidade de sua história e as atividades que ele realiza – sem esquecer, no entanto, que essa história e essas atividades se desenvolvem em um mundo social [...]. Em resumo, é um sujeito indissociavelmente social e singular.

A partir da citação acima, adentramos no conceito de identidades. A literatura aponta que um dos temas mais debatidos tem sido o termo identidade, principalmente ao inseri-la na teoria social, que aborda sobre a fragmentação do indivíduo moderno em identidades, ou seja, todas as pessoas possuem diversas identidades conforme a sociedade vai passando por transformações.

Essa aparente fragmentação não indica uma crise identitária, pois isso, é entendido como um processo normal e sinônimo de evolução social. Ou seja, as pessoas sempre se identificam com outras coisas ou mudam de posicionamentos assumindo papéis distintos.

Em consequência, podem existir diversas concepções acerca do termo identidade, no entanto, optou-se por escolher a que mais se aproxima da realidade atual, que é a de Hall (2005). Para ele, existem três concepções diferentes do termo identidade, que podem ser: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

De acordo com a primeira concepção, a pessoa é entendida como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e ação, em que o centro era interiormente adquirido, o que fica evidenciada por Hall (2005, p. 11):

[...] o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] uma concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade.

Esta configura como uma concepção que já fazia separação entre os gêneros, já que o sujeito iluminista era essencialmente descrito como masculino, preconizando a supremacia masculina em detrimento da feminina.

O sujeito sociológico era percebido como aquele que quebrava a ideia do sujeito autônomo e auto-suficiente, apontado para a noção de que as pessoas eram formadas em sua relação com outras, que segundo Hall (2005, p. 11), “que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava”. Assim, o sujeito possui dentro de si o “eu real”, que se transforma todos os dias à medida que entra em contato com outros seres sociais em sua convivência diária.

Conforme o modelo sociológico, sempre que os sujeitos vão se projetando em outras identidades culturais, eles vão construindo e descobrindo quais os lugares que ocupam no mundo social e cultural, tornando-se mais unificados. Contudo, toda essa problemática de construção e desconstrução do sujeito traz consigo uma variedade de problemas, inclusive a não identidade fixa, fazendo com que surja o sujeito pós-moderno, que segundo Hall (2005, p. 13) é “definida historicamente, e não biologicamente”. Isto faz com que o sujeito assuma diferentes identidades à medida que os papéis sociais vão lhe exigindo. Ainda segundo Hall (2005, p. 13):

(...) há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas por que construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu.

Portanto, é equivocada a ideia de um sujeito que permaneça com uma identidade unificada cultural e socialmente, pois a sociedade muda constantemente e com ela as pessoas também se modificam.

Enfim, a noção de identidade vai muito além do que se consegue imaginar ou explicar, já que ela passa pela noção de construção social individual e cada sujeito possui um desenvolvimento diferente do outro.

Assim, o que mais se aceita atualmente é a noção de identidade que não pode ser pensada como fixa, acabada, mas como uma produção construída dentro das representações sociais, aproximando-se portanto desta última noção de sujeito, o pós-moderno.

A partir do conceito de identidade postulado por Hall (2005), abordamos outro aspecto acerca da cultura. Conforme observado em Canclini (1987), o termo "cultura popular" tornou-se um terreno de difícil compreensão devido aos seus diferentes usos pelas diferentes áreas do conhecimento. Mas, ao certo, o que o autor aponta é que o conceito dá uma ideia de identidade compartilhada entre todas as pessoas. No contexto da feira livre, o termo é pertinente principalmente por ser aquele um espaço de troca de culturas, especialmente entre as pessoas de classes estigmatizadas socialmente.

3 IMPORTÂNCIA DA FEIRA LIVRE DE PICOS PIAUÍ PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HISTÓRICAS: a história contada a partir dos sujeitos protagonistas

3.1 Arranjos espaciais, econômicos, históricos e culturais da cidade de Picos Piauí

Picos fica na região Centro Sul estado do Piauí e é conhecida no Brasil como Cidade Modelo e Capital do Mel. Segundo Duarte (1995), ela tem como uma das principais características sociais, que é a mistura de raças em sua população, formada por pessoas, em especial estudantes, de todos os estados brasileiros.

Economicamente, é a cidade mais desenvolvida dessa região pelo fato de possuir um grande fluxo de pessoas de cidades vizinhas em seu comércio. Além disso, a cidade possui uma grande produção de mel de abelha e segundo Duarte (1995, p. 34) ainda existem outros fatores que tornam a cidade de grande importância para o Piauí:

Essa característica aliada a seu posicionamento geográfico lhe conferem a condição de pólo comercial efervescente no Piauí (especialmente de combustíveis e mel). É cortada pela BR-316 ou Rodovia Transamazônica, BR 407, BR-230 e fica muito próxima a BR-020. É uma das maiores produtoras de mel do país e destaca-se também por sediar uma unidade do Exército Brasileiro (3º BEC - Batalhão de Engenharia e Construção).

Assim, o grande desenvolvimento comercial da cidade está associado à sua localização, pois a cidade é cortada pela Rodovia Transamazônica, a maior BR do país, o que permite, por exemplo, que as pessoas que têm seus destinos para quase todos os estados Nordestinos passem por Picos, gerando mais lucro para o comércio local.

Segundo Duarte (1995), o município possui inúmeros cursos naturais de água, como o Rio Guaribas, que é o principal rio de Picos; Riacho Vermelho e Riacho dos Macacos. É importante ressaltar que o autor citado ainda afirma que a cidade possui o maior lençol freático da região.

Quanto à história de Picos, Duarte (1995) afirma que o surgimento da cidade se deu através da atividade econômica chamada pecuária, especialmente com as grandes fazendas de criação de gados, no qual seus donos vinham de Portugal, por

volta dos anos de 1740, trazendo alguns escravos e gado, ocupando grandes territórios.

A cidade de Picos oferece amplo atendimento na área da saúde, tanto no setor público quanto privado e atende todas as cidades vizinhas em diversas especialidades e programas, conforme o site da Prefeitura local: Programa de Saúde da Família; Programa de Agentes Comunitários de Saúde; Programa de Combate às Carências Nutricionais; Programa de Combate e Controle da Tuberculose; Programa de Combate e Controle da Hanseníase; Programa de Controle do Câncer Ginecológico; Programa de Rastreamento de Câncer de Mama; Programa de Imunização; Programa de Vigilância Epidemiológica; Programa de Controle do Diabetes; Programa de Controle da Hipertensão; Programa de Controle do Tabagismo e outros fatores de risco de Câncer; Programa de Combate e Controle das DST's-AIDS; Programa de Vigilância Sanitária¹.

3.2 Arranjo espacial e dinâmica da Feira-livre de Picos Piauí

Picos, uma das principais cidades do estado do Piauí, tem hoje uma história reconhecida pela população piauiense. A origem desse município deu-se através do município de Bocaina, passando por vários processos importantes para sua independência: segundo as resoluções e leis provinciais.

A elevação do povoado à categoria de freguesia deu-se a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, através da Resolução n.º308 de 11 de setembro de 1851. Por conta do constante crescimento da freguesia, quatro anos depois, veio a elevação à categoria de vila, através da resolução Provincial n.º397, de 20 de dezembro, sendo instalada oficialmente em 3 de Julho de 1859. Através da Lei Provincial n.º 468, o tempo judiciário de Picos foi desmembrado da Comarca de Oeiras, anexando-se a Comarca de Jaicós e assim permanecendo até o ano de 1889, sendo então desanexada a Comarca de Picos juntamente com o município de Patrocínio, hoje Pio IX. A Elevação da vila à categoria de cidade verificou-se através da Resolução n.º 33, de 12 de dezembro de 1890, assinada pelo então chefe de Governo Estadual o Barão de Uruçuí².

Conforme visto, a cidade passou a ser uma freguesia a partir de 1851, trazendo para seus entornos pessoas de todos os locais, o que fez com que ela

¹ Disponível em: www.picos.pi.gov.br. Acesso em: 15 de janeiro de 2013

² Fonte: www.piauihp.com.br. Acesso em: 15 de janeiro de 2013

tivesse um crescimento acelerado, passando a categoria de vila em 1859, apenas oito anos depois.

O município de Picos ficou conhecido como a cidade modelo, pelo seu grande desenvolvimento econômico, social e cultural. No âmbito econômico, a feira livre, prática comercial antiga, vem destacando-se dia após dia. Abaixo, seguem duas imagens da feira livre de Picos Piauí na década de 1960:



Figura 1 - Feira de Picos Piauí na década de 1960

Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 2 – Feira livre de Picos na década de 1960

Fonte: Museu Ozildo Albano

A primeira feira organizada no município aconteceu em 16 de setembro de 1845 localizada na Rua do Foguete, atual Coelho Rodrigues, onde comercializavam animais de carga-burro e jumento os cultivados na terra (feijão, arroz e milho) e miudezas em geral embaixo de um pé de cajá. Restringindo somente aos sábados e que hoje é considerada a maior no Nordeste Ocidental e funcionando todos os dias no mesmo lugar.

A feira foi transferida depois para a Rua do Cantinho, atual Rua Coronel Luís Santos, continuando com as características originais: muita gente comprando, fartura de produtos e comerciantes vindos de vários lugares. Dessa vez, os feirantes armavam seus pontos de venda debaixo de pés de juazeiro e umbu que serviam de sombra.

Em 1961, a natureza interveio, atrapalhando os negociantes e agricultores, pois a primeira das maiores cheias do Rio Guaribas alagou e destruiu a feira, devido a este fato o local de apresentação e comercialização dos produtos foi transferido para a Praça Félix Pacheco, que segue na foto abaixo, retirada na época da transferência da feira:



Figura 3 – Praça Félix Pacheco na década de 1960

Fonte: Museu Ozildo Albano

Segundo dados da Prefeitura de Picos³, no dia 1º de janeiro de 1924, o prefeito Francisco Santos edificou o Mercado Público na Travessa Benedito Reinaldo, onde funciona até hoje. O mercado teve estrutura física suficiente para abrigar os feirantes por vinte anos, uma visão administrativa boa para a época.

Essa prática comercial antiga é passada de pais para filhos, que desde cedo começam a trabalhar e dar continuidade a tal tradição. A feira livre de Picos concentra uma infinidade de produtos, artigos ou artefatos a preços relativamente baixos, favorecendo os consumidores de todas as camadas sociais.

“No início, os feirantes montavam suas barracas, tendas ou barracas de remoção fácil para então alojar e abrigar do sol e da chuva determinados artigos e mercadorias disponíveis aos consumidores” (LUZ, 2008). Naquela época, era uma feira típica de uma cidade do interior nordestino, integrada ao meio rural. A grande quantidade de barracas na feira favorecia enormemente formação de verdadeiros labirintos e emaranhados de estreitos corredores parcialmente sombreados por inúmeras e variadas mercadorias expostas e à venda, por onde circulavam milhares de pessoas consumidoras em busca de produtos necessitados.

Hoje em dia, as inúmeras barracas e suas variadas ofertas continuam (feira do feijão, arroz, da rapadura, farinha, milho, animais, calçados, confecções, dentre outras) uma ligada à outra sem proteção adequada e de qualidade. A cultura

³ Disponível em: www.picos.pi.gov.br. Acesso em 21 de março de 2013

também continua, o espaço físico continua o mesmo, ocorreu uma mudança somente daquele emaranhado de barracas, pois hoje existe um limite para que haja espaço para os pedestres e veículos circularem.

A qualidade da mercadoria melhorou e juntamente com ela a procura demasiadamente dos consumidores. Antes poucas pessoas faziam uso da feira por considerar os produtos de baixa qualidade, destinados apenas às pessoas com poucos recursos financeiros. Ao contrário de hoje, que toda a população faz compras no local.

Dessa forma, os feirantes foram se modernizando e atualizando-se de acordo com a procura, apesar das dificuldades que os mesmos enfrentam. Hoje é possível encontrar mercadorias atualizadas quinzenalmente, principalmente no setor de confecção, e com formas de pagamentos cabíveis ao bolso de quem a procura, como o uso da tecnologia de cartões de créditos.

A Feira Livre de Picos serviu como campo empírico da pesquisa, situada na Praça Justino Luz, bairro: Centro, Picos-PI, as unidades visitadas durante a pesquisa atendem à população de Picos e cidades circunvizinhas como: Ipiranga, Dom Expedito Lopes, Jaicós, Inhumas, Bocaina, São José do Piauí, entre outras, no horário diurno de segunda à sábado, sendo sua clientela oriunda de baixa e média renda.

A feira livre de Picos atende hoje a uma clientela variável, que vai de pessoas de baixa renda até as de classe média, diferente dos tempos passados. A procura da classe média é devido a qualidade das mercadorias (principalmente no setor de confecção).

Para responder às questões propostas, deu-se preferência para os feirantes mais antigos no ramo. Este público corresponde às expectativas de melhores respostas sobre o foco do estudo que é a importância da feira livre na história de Picos.

A economia do município de Picos, que fica localizada a região Centro-Sul do Piauí, que apresenta o terceiro maior PIB (Produto Interno Bruto) do Estado, sendo que a arrecadação fiscal de Picos é maior do que outras regiões, perdendo apenas para a região da capital Teresina.

O município de Picos está localizado no principal entroncamento rodoviário do Nordeste vem crescendo nos últimos anos, pois devido a sua ligação com alguns Estados e abranger até 50 municípios, atraiu empresas e franquias de outras

regiões para o centro comercial da cidade, além da expansão na área da saúde e educação (principalmente educação superior), oferecendo à população picoense mais oportunidades de emprego e praticidade e economia para aqueles que iam buscar na capital ou até mesmos em outros Estados um estudo de qualidade e especialidades médicas.

Na atualidade, além de ser conhecida como capital do mel, é também da castanha, grandes aspectos econômicos, o pólo comercial de Picos vem contribuindo muito para a grande circulação de capital no município. Grande parte desse crescimento dá-se também ao número de empresas atuando informalmente, estimuladas pelas linhas de financiamento disponíveis para pessoa física, papel atuante dos proprietários de barracas na Feira Livre de Picos.

Aos sábados, a feira livre de Picos acontece costumeiramente, atraindo dezenas de consumidores locais. Todavia, devido ao constante crescimento do movimento mercantilista na cidade, constata-se a realização da mesma em outros dias da semana. Considerada uma das maiores do Piauí, a feira livre chega a ser comparada com grandes feiras livres do Nordeste. A diversidade de produtos comercializados serve de atrativo⁴.

A Feira Livre de Picos está presente na economia do município, só que, além de principal fonte de renda de muitas famílias, a feira livre passa também a um gerador de emprego, pois com o aumento da procura por parte da população aos produtos oferecidos, os feirantes passam a investir mais e com isso surge à necessidade de mão de obra, fortificando a geração de emprego.

Portanto, a feira livre é vista como um meio tanto de importância sócio econômica quanto a inclusão de muitos no campo profissional.

No entanto, trabalho este que se caracteriza como informal, sem segurança, sem registro e sem garantia, prática essa que já faz parte da história do País, pois a categoria dos trabalhadores formalizados sempre se apresentou como minoria e só teve maior expressão após a constituição de 1988.

Ainda com muitos direitos reconhecidos, percebe-se que os feirantes de Picos ainda precisam de muitos cuidados por parte do governo, até por que os mesmos pagam impostos e taxas para terem suas barracas colocadas nas feiras. Acerca disso e de outros aspectos o próximo item abordará com mais clareza, a partir dos relatos de feirantes, usuários e o presidente da Associação de feirantes.

⁴ Fonte: Site www.piauihp.com.br

Nenhum será identificado a fim de manter o caráter ético da pesquisa, no entanto, usaremos as iniciais de seus nomes.

3.3 A história contada pelos seus protagonistas: análise dos questionários aplicados aos feirantes

3.3.1 Perfil dos entrevistados

Para melhor entendermos o perfil dos sujeitos entrevistados, fizemos um quadro, que segue abaixo, com os dados fornecidos pelos mesmos nos questionários:

	Iniciais do nome	Idade	Escolaridade	Função	Sexo
Depoente 1	R. M. S	75	analfabeto	Feirante	Masculino
Depoente 2	J. E. A	55	E. F. incompleto	Feirante	Masculino
Depoente 3	M. L. S	59	Analfabeto	Feirante	Feminino
Depoente 4	M. S	62	E. F. incompleto	Feirante	Feminino
Depoente 5	R. L. A	66	_____	Consumidor	Feminino
Depoente 6	F. A	28	_____	Presidente dos feirantes	Masculino

Tabela 1 – Perfil dos informantes

Fonte: autora

Conforme visto na tabela acima, foram entrevistados 4 feirantes, 1 consumidor e o presidente dos feirantes. Os quatro primeiros depoentes possuem idades entre 55 e 75 anos. Essa escolha foi estratégica, já que pretendíamos coletar entrevistas com pessoas que já estivessem há muitos anos na profissão e conheçam bem todos os aspectos relacionados à feira livre.

Não podemos deixar de mencionar a escolaridade dos depoentes, dos quais dois são analfabetos e dois possuem até a quarta série do Ensino Fundamental I. Entendemos que esta é uma questão pessoal e até meio constrangedora, mas se fez necessário, já que, por precisar trabalhar na feira para manter as famílias ou ajudar seus pais, como o caso dos quatro depoentes, eles não iam ou abandonavam a escola muito cedo.

3.3.2 Importância da feira-livre de Picos Piauí na visão dos feirantes

Conforme visto no primeiro capítulo desse trabalho, Paim (2005) advogou que a feira livre é de suma importância, não só no aspecto econômico, mas ela contribui para a formação cultural, social e histórica de todas as sociedades, já que estes podem ser considerados espaços de trocas de experiências e vivências humanas. Portanto, estudar espaços como esses requer um olhar apurado por parte do pesquisador, que pode descobrir muitas questões interessantes. Foi o que aconteceu com a nossa pesquisa, pois, antes de irmos a campo coletar os dados, esperávamos encontrar pessoas retraídas, mas na verdade todos os informantes foram solícitos em nos atender, prestando todas as informações necessárias e não se negando a responder nenhuma.

Também não se intimidaram na frente do gravador. Pelo contrário, mostraram-se muito abertos, já que deixamos claro para todos que se tratava de uma pesquisa acadêmica, e que nenhum dado deles seria exposto caso eles não quisessem, inclusive colocamos apenas as iniciais dos nomes, conforme a tabela 1, no item anterior.

Quanto às indagações propostas no questionário, levantou-se a seguinte questão para os feirantes: há quanto tempo trabalhava na feira? Abaixo, seguem algumas das respostas⁵:

desde menino trabalhava com o finado meu pai e mais minha mãe, nunca deixei a feira, ainda hoje tou, inda hoje trabalho na feira (R. M. S, 2013).

eu mesmo praticamente tou com doze anos, o meu marido a mais tempo trabalhava, mas eu vinha pra qui assim, não disponível pra

⁵ Alguns traços regionais das falas dos entrevistados foram preservados, como tou – ao invés de estou; mais – ao invés de com, etc.

trabalhar direto, só lá um dia mas faz de conta que, era dele né, as vezes ele ia sair, é uns vinte quatro anos por aí (M. S, 2013).

A fala dos entrevistados apontam que estão na profissão há muitos anos, inclusive, conforme é citado na fala do primeiro entrevistado, a profissão foi passada de pai para filho, um característica bastante comum na constituição das feiras por todo o mundo. Sousa (2013) já previu isso, quando abordou que as feiras são instituições que fazem parte de um sistema econômico, mas estritamente ligadas ao sistema político, de parentesco e cultural, que integram as bases de produção, distribuição e consumo de bens e mercadorias.

Outra pergunta feita aos entrevistados foi o motivo que os levou a trabalhar na feira livre. Eles disseram que:

porque num tinha estudo, né, ai tinha que ser isso mesmo (M. L. S, 2013).

bem, no início dava melhor, e aí parece que depende da sorte da gente né, pra minha idade mesmo da pra trabalhar ainda agora porque é um serviço maneiro, quando é pra trabalhar, porque eu já tou um pouco cansada, mas preciso porque minha renda é ela, eu tenho um salário, graças a deus é uma benção de deus, mas é só um salário, eu só pensionista, e aí pra remédio, pra alimento, pra se vestir, pra coisar, agente aperreia um pouco aí por isso é que eu me sinto bem um pouco, porque fico vendo as pessoas, aparece um amigo, conversa um pouco e o tempo vai passando (M.S, 2013).

Conforme observado na fala dos dois entrevistados, o primeiro é por que não possuía escolaridade suficiente para conseguir outro emprego, já a segunda é por que sente-se bem, também por que esta é uma renda a mais. Quanto à fala do informante 3, podemos destacar que o fator econômico influencia muito para que as pessoas sejam feirantes, pois esta é uma renda para os que não podem ter outro emprego, geralmente por que não têm a escolaridade exigida para o cargo. Esse fator foi apontado anteriormente por Guimarães (2010), quando destacou que existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre. Segundo destacado pelo mesmo autor, nesse espaço as vendedoras negras negociavam produtos da lavoura, da pesca e mercadorias feitas em casa.

A fala da informante 4 confirma o que foi dito por Duarte (1975), ou seja, esta é a ocasião de socialização e de integração entre as pessoas, além de

venderem as parcelas do seu pequeno excedente agrícola e adquirem as poucas mercadorias que completam os seus precários padrões de sobrevivência.

Sabe-se que é coletada uma taxa de todos os feirantes, que deveria ser revertido em algum tipo de benefício para os mesmos. Por isso, foi indagado a todos eles se possuíam algum tipo de plano de saúde. Quando fizemos essa pergunta tínhamos a pretensão de identificar se havia algum tipo de retorno para os feirantes a partir da taxa que pagam à prefeitura. Conforme os entrevistados, nenhum deles possui plano de saúde, e ainda, o informante 1 destacou que:

eu só doente cumade, oia, eu só doente, eu me paralisei três dias no hospital e sem conhecer ninguém, aí eu fiquei tomando os remédio, toda noite eu tomo três tipo de remédio eu tenho medo, o medico disse se eu deixasse de tomar eu morria sabe, e aí ele foi e disse que eu num podia deixar de tomar aquele remédio, oia eu assistia a feira de jaicos, campo grande hoje eu num assisto mais por que num tem mais condição, e a vista num da mais, tô quase cego, as pernas tá inchada, oqui tudo inchada, não posso fazer nada, é só aqui sentadim, não posso andar sabe (R. M. S, 2013).

As respostas apontam que essas pessoas não possuem um plano de saúde, e conforme observado na fala do informante destacado, essas pessoas já possuem muitas limitações, principalmente por se tratar de idosos, com limitações físicas. Infelizmente, essas pessoas ficam à margem da história picoense, sendo uma população historicamente estigmatizada, já que muitos, por não possuírem estudos, conforme já destacado anteriormente, encontram nas feiras livres um meio de subsistência.

Nas outras questões indagadas, as respostas, de um modo geral apontam que todos os quatro entrevistados comercializam frutas e verduras, recebem menos de um salário mensal e, com exceção de uma informante que recebe uma pensão alimentícia, os outros três possuem apenas esta renda. Também destacaram que as mercadorias são trocadas a cada oito dias.

Sabemos que, historicamente, a feira livre já passou por diversos bairros da cidade de Picos, dentre eles a Rua Coelho Rodrigues, a atual Rua Coronel Luís Santos e a Praça Félix Pacheco. Não muito diferente, desde o ano de 2009, a prefeitura tenta transferir os feirantes para um mercado municipal que está sendo construído no Bairro Boa Sorte, afastado do centro comercial. Acerca dessa mudança de local, indagamos aos entrevistados qual a opinião deles:

Minha cumade se eu pudesse eu ficava aqui mermo, porque aqui eu já tenho meus freguesim que vem aqui pantá eu, brinca conversar e eu gosto das brincadeiras sabe eu tô satisfeito aqui mas se me muda eu num tenho nada a fazer, ponde me botarem eu vou (risos) (R. M. S, 2013).

Desde que for pra melhor, eu só a favor sim, o que agente quer é melhorias na qualificação da feira livre né, que possa ter melhor desempenho, limpeza também né, agente é a favor, um espaço maior também (J. E. A, 2013).

sou não, não. Porque aqui é mior do que lá, fica no centro da cidade, fica perto dos comércios, perto do banco, perto do INPS, aqui é mior, fica perto das farmácia (M. L. S, 2013).

eu num sei não, eu num quero dá essa opinião sobre isso porque pode constranger muitas pessoas que queiram sair e eu num quero dizer nada não, pra mim tanto faz (M. S, 2013).

As falas apontam que eles ainda não possuem uma resposta acerca do tema, com exceção da informante 3, que foi bem incisiva na sua resposta, informando que é contra a essa troca. Como pesquisadores, entendemos que essa mudança pode não trazer tantos benefícios para os feirantes, já que muitas pessoas podem não querer se deslocar até o local para fazer compras. Por outro lado, percebemos que, ao longo da história, as instâncias dos poderes estaduais e municipais tentam levar para bairros afastados da cidade todo tipo de população que para eles são consideradas de menor poder aquisitivo. Ainda não podemos afirmar com precisão, mas essa pode ser uma jogada municipal para afastar essas pessoas do centro comercial, que é o local em que as pessoas com maior poder aquisitivo transitam. Entendemos que essa pode ser uma visão preconceituosa por nossa parte, e só com o passar dos anos é que poderemos compreender melhor essa situação.

Enfim, por todas as características da feira livre, podemos destaca-la como um espaço de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades.

3.3.3 Importância da feira-livre de Picos Piauí na visão do consumidor

Como vimos, a feira constitui-se um local de trocas de experiências, construção de identidades e histórias. Isso se dá não só pelo viés do feirante, mas também dos usuários desse local. Com base nisso, é que decidimos entrevistar um consumidor sobre a feira livre de Picos Piauí. Selecionamos apenas uma que já visitou todas as feiras da cidade, conhecendo todas.

As primeiras indagações feitas foi se ela conhecia e há quanto tempo a feira livre de Picos Piauí e se utilizava os produtos:

conheço todas, porque frequento todas elas, tanto aqui o açougue, como a feira grande da praça, aqui fica perto da matriz, nossa catedral, eu frequento todas elas em geral. Eu utilizo os produtos, tanto na feira de verdura e frutas como também as de roupas, é um local que agente escolhe aquilo que quer, o preço, o preço também é variado, porque agente tem que ver também o bolso, o nosso dinheiro também né, desde de quando eu cheguei aqui e me entendi por gente que aprendi fazer compras, porque eu cheguei aqui com nove anos eu ainda era muito pequena, eu compro lá, a feira livre é bom porque você pode escolher a vontade (CONSUMIDOR).

A informante destaca que utiliza todos os produtos da feira, cita o preço como o diferencial, informando ainda que conhece a feira desde que tinha 9 anos de idade. A feira livre de Picos atende hoje a pessoas de todos os níveis sociais, diferente dos tempos passados. A procura da classe média é devido à qualidade das mercadorias, principalmente no setor de confecção.

Outra indagação foi qual a importância da feira para a cidade de picos na visão dela. A mesma disse que

é muito grande, porque primeiro, aqui num tem muito emprego pra todo mundo, então essas pessoas que tem o seu plantio lá na roça né, eles trazem pra cidade, e com aquele dinheiro, é rotativo, eles fazem tudo com aquele dinheiro, além de tá vendendo produzindo pra vender, eles também tem o que comprar com aquele dinheiro outras coisas também.

Ela destaca principalmente o fator econômico, pois esta é uma única renda para os feirantes, já que estes não têm outra opção de emprego.

3.3.4 Análise da entrevista feita com o presidente dos feirantes

Os feirantes pagam impostos para trabalhar. Esses impostos são repassados à prefeitura municipal, que segundo o presidente da categoria, enfrenta algumas dificuldades relacionadas aos mesmos. A primeira delas é:

olha na verdade a prefeitura encontra dificuldade mais é uma coisa que não é direto, é com o trânsito, o que a sociedade cobra, pois o fluxo de automóveis e de motos hoje é muito grande, tem o pessoal que vem das cidades vizinhas, então eles tem visto aí a construção de um mercado público para liberar aqui o centro da cidade então é a única dificuldade (PRESIDENTE DOS FEIRANTES).

O entrevistado cita a questão do trânsito como uma das dificuldades que a prefeitura encontra, pois tem recebido muitas reclamações da população em geral, por conta de não encontrar no centro da cidade espaço para estacionar. Isso se dá por que Picos cresceu de forma vertical, por que, conforme foi citado anteriormente, ela está entre montes picosos, o que impede seu crescimento na horizontal. Inclusive o entrevistado cita que a prefeitura tem o projeto de leva-los para outro local, mais afastado do centro, conforme já destacamos na fala dos feirantes.

Quanto à legalização dos feirantes e o pagamento de taxas por meio destes, o informante ressaltou que:

bom tem uma taxa aqui para os feirantes efetivos, ou seja, aqueles que trabalham aqui no dia a dia pagam uma taxa por cada cadastro, eles pagam uma mensalidade de vinte reais. Olha a finalidade na verdade eu acho que é mais para o controle porque esse repasse não é retribuído em benefício para a classe, então eu acredito que seja só por controle, para não ficar um espaço cedido gratuito, mas benefício não tem nenhum (PRESIDENTE DOS FEIRANTES).

O próprio presidente destacou que não há um retorno em forma de benefícios para os feirantes, que pagam taxas mensalmente à prefeitura. Confirmando isso, foi a fala dos feirantes que disseram não ter nenhum tipo de plano de saúde ou assistência hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto nesse trabalho, a bibliografia sobre as feiras piauienses ainda é escassa, se comparada às de outros Estados, já que a maioria dos textos faz referência às feiras maiores, como de Santana-BA e Caruaru-PE.

Também foi possível, a partir da análise e comparação de autores que tratam do tema, que as feiras já são muito antigas sendo relatadas até mesmo nos textos bíblicos. A característica comum a todas é que ofereciam todos os tipos de produtos, com preços menores que de outros comércios, localizava-se nos centros das cidades e podiam ser tanto fixas como móveis.

Esse trabalho apresentou um estudo da importância da feira-livre da cidade de Picos Piauí, identificando esse espaço um local de relações econômicas, sociais e culturais, o que acabou por fazer desse lugar, espaços para a construção e criação de identidades e relações, que modificaram a história picoense, bem como nordestina a ponto de ganhar destaque nacional, sendo considerada a segunda maior feira-livre do Nordeste.

Em resposta a problemática de pesquisa, identificamos que a feira livre contribuiu para a construção da identidade histórica da cidade de Picos Piauí, ao ponto que vieram pessoas de outros estados para a cidade a fim de se estabelecer economicamente. A feira foi e é local de encontro de pessoas que hoje são de todas as camadas sociais. No local são encontradas histórias das mais diversas possíveis. Inclusive uma das entrevistadas disse que aquele era um local que ela se sentia realizada, pois encontrava com outras pessoas e não se sentia sozinha.

Outro ponto constatado após a pesquisa é que a feira também modificou o espaço geográfico da cidade, pois se estabeleceu no centro. Inclusive esse é um dos motivos pelos quais a prefeitura pretende retirar os feirantes do local, pois recebe muitas reclamações da população, que não tem local para estacionar seus veículos. No entanto, os relatos apontaram que a maioria dos feirantes não quer sair para outro local, pois têm medo que as vendas caiam.

A importância da feira livre para a construção das identidades históricas da cidade de Picos Piauí vai além de elementos históricos, mas também apresenta seu lado cultural, religioso, principalmente comercial, pois, na década de 1950, muitas pessoas, por não possuírem emprego, encontravam nessa atividade o único meio de sobrevivência, ofício este que, conforme os relatos, foi passado de pai para filho.

No que se refere aos objetivos específicos, acreditamos que todos foram alcançados, pois foram relacionados os elementos que caracterizaram o processo de organização das feiras, como a questão de outras pessoas virem de outros estados, o espaço físico que o centro da cidade oferecia, etc. Também foram observadas as mudanças históricas ocorridas a partir da instalação da feira livre na cidade, pois esta atividade passou a ser o sustento de muitas pessoas, ajudando-as a sair da pobreza, criando uma nova classe social. Outro objetivo destacado foi a importância das feiras para o desenvolvimento do comércio, o que foi amplamente discutido. Os outros objetivos foram alcançados a partir da discussão teórica sobre o tema, já que se tratava de abordar conceitos.

A pesquisa de campo realizada foi de grande importância para a pesquisadora, por que foi a partir dela que entramos em contato com as pessoas da feira, conhecemos o local, ouvimos histórias, relatos, experiências de vida. Enfim, a pesquisa serviu para aumentar os conhecimentos acerca do tema discutido, além de ampliar os trabalhos na área de história que trata de feira livre.

Acreditamos ter conseguido, ainda que de forma simples, tratar do tema com clareza, alcançar os objetivos e responder ao problema que norteou o trabalho. Que este estudo sirva como base para outros que queiram trabalhar com o assunto.

REFERÊNCIAS

CEPRO. **Feiras livres**. Periódico, 2002, p.11

DUARTE, Renato. **A reconstrução de uma cidade**: plano de desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. ED. Do Estado do Piauí, 2000.

_____. **Picos**: verdes anos cinquenta. Recife: Nordeste, 1995.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Universidade de São Paulo. CELACC Gestão Cultural e Organização de Eventos. São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1976.

LIMA, Tiago Charles de; CÂMARA, Talita Marinho da. **Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RN**. IFRN, 2008 e 2013.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

MORAES, Renata Maria Valente. Olhares sobre as práticas cotidianas no mercado central de Marituba/PA. In: **Diversidades e desigualdades**. Salvador, 2011.

MOTT, Luiz. **A feira de Brejo Grande**: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco. Campinas: UNICAMP, 1975. (Tese de Doutorado)

_____. **Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil**. Revista de História (SP), v.53, n.105, 1976.

_____. Feiras e mercados: pistas para pesquisa de campo. In.: FERRETTI, Sérgio (Org.). **Reeducando o olhar**. Estudos sobre feiras e mercados. São Luiz: UFMA, 2000.

PAIM, Márcia Regina Da Silva. **Do Sete a São Joaquim**: o cotidiano de "mulheres de saia" e homens em feiras Soteropolitanas (1964-1973) Salvador. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal da Bahia, 2005.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. Circuitos da economia urbana: arranjos espaciais e dinâmica das feiras livres em Natal-RN. In: **Sociedade e Território**, Natal, v. 24, nº 1, p. 115 - 133, jan./jun. 2012.

REVISTA FOCO. **111 anos**: Picos, nossa história. Picos Pi: Folha de Picos, 2001.

RIBEIRO, Margarida. "Notas e comentários sobre feiras e mercados". In: **Boletim da Junta Distrital de Lisboa**, n. 61-62, 1964.

SOUSA, Luis Gonzaga. **A origem das feiras**. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-mem/32.htm>. Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Entrevistas

R. M. S. 75 anos de idade. Analfabeto. Masculino. Feirante. Picos Piauí, 2013.

J. E. A. 55 anos de idade. E. F incompleto. Masculino. Feirante. Picos Piauí, 2013.

M. L. S. 59 anos de idade. Analfabeto. Feminino. Feirante. Picos Piauí, 2013.

M. S. 62 anos. E.F completo. Feminino. Feirante. Picos Piauí, 2013.

R. L. A. 66 anos. Feminino. Consumidora. Picos Piauí, 2013.

F. A. 28 anos. Masculino. Presidente dos feirantes. Picos Piauí, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Qual a sua idade?

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- 61 a 70 anos

2. Sexo?

- Masculino
- Feminino

3. Qual a sua escolaridade?

- Analfabeto
- 1° Grau
- 2° Grau
- 3° Grau
- 1° Grau Incompleto
- 2° Grau Incompleto
- 3° Grau Incompleto

4. Há quantos anos trabalha na feira?

- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 20 anos
- 21 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos

5. Porque escolheu esse tipo de negócio?

- Porque estava Desemprego
- Porque queria trabalhar por conta própria
- Hereditário, seus avós e pais eram feirantes

6. Possui Plano de Saúde?

- Sim
- Não

7. Possui outra renda econômica?

- Sim
- Não

8. Qual o valor da renda mensal?

- Até 1 Salário mínimo
- De 1 a 3 Salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- Acima de 6 Salários mínimos

9. Você é a favor da mudança do local da Feira?

- Sim
- Não

10. Qual o tempo de renovação da mercadoria, ou seja, de viagem para fazer compras?

- Semanal
- Quinzenal
- Mensalmente

APÊNDICE B – PERGUNTAS DA ENTREVISTA AOS CONSUMIDORES

1. Você conhece a Feira livre de Picos?

2. Utiliza os produtos da feira livre?

3. Para você, qual a importância da feira livre para a cidade?

4. No seu ponto de vista quais as maiores dificuldades que a feira livre enfrenta?

5. Você é contra ou a favor da mudança as feiras livre? Por quê?

6. Por que você utiliza serviços/produtos da feira livre de Picos?

7. Você conhece alguém que utiliza e gosta da feira livre de Picos?

8. No seu entender por que a feira livre é importante para a cidade de Picos, em aspectos econômicos, culturais e sociais?

APÊNDICE C – PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM OS REPRESENTANTES DO SEDECT – Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (Indústria e comércio)

1. Na sua concepção, a feira livre dessa cidade, é importante para a economia, cultura e sociedade da mesma?

2. Qual setor da prefeitura é responsável pela feira livre?

3. Quais são as maiores dificuldades, que a prefeitura tem em relação aos feirantes?

4. Existe um projeto por parte da prefeitura para mudar a feira livre de ambiente?

5. Os feirantes são regularizados de acordo alguma proposta de controle por parte da prefeitura? Como? Pagam alguma taxa?

6. Qual a finalidade da taxa que os feirantes pagam?

7. Existe uma preocupação do prefeito em oferecer melhoria para os feirantes e para a cidade de Picos?

8. Como a feira livre contribui para a cidade?
